



Proseando

Outubro é 10 mesmo!

Chegamos ao 10º mês do ano. Mais do que o 10º mês do ano, outubro é mesmo 10. Outubro tem cheiro de criança. É o mês daqueles que são felizes por nada. Há festas nos parques. Nas escolas. Em todos os cantos, lá estão as crianças com seus sorrisos. Com seus choros. Com seus alegrias.

Outubro é 10. É o mês destes pequenos mestres que nos dão lições de como viver bem e ser feliz com tão pouco. Criança gosta mesmo é de brincar. São as mestras dos improvisos. Se dermos para elas um palito e alguns legumes, fazem os mais variados bichinhos. Se tiverem à disposição um lençol e cadeiras, fazem trens, cabaninhas e o que a imaginação mandar. Na alma de uma criança está a capacidade de criar e de ser feliz com tão pouco. É o mundo encantado do jogo da imaginação que, infelizmente, os adultos, progressivamente vão perdendo. É o mundo encantado da imaginação que acredito ser privilégio das crianças e dos artistas de cujas imaginações surgem as mais belas obras de arte. O tempo passa cada vez mais rápido e, conseqüentemente, mais rápido ainda as crianças tornam-se adultas. Vamos deixá-las aproveitar a infância. Vamos deixar que as bolas, as bonecas e as pipas façam parte de seu mundo. Vamos deixá-las brincar, inclusive com as palavras, pois “são elas que nos transportam para outros mundos, outros tempos e espaço”, afirma Rubem Alves.

Outubro é 10. É o mês destes pequenos médicos. Sim, médicos! Não posso afirmar, mas acredito que não há um terapeuta que consiga, num passe de mágica, levar para longe nossas tristezas e angústias como faz uma criança com seu sorriso. Com seu olhar. Só uma criança para ensinar-nos como a vida com bom humor é mais leve. Mais gostosa! E pensar que há tantas crianças soltas pelas ruas da cidade prontas a salvar-nos do tédio. Tirar nossas tristezas. Devolver-nos o bom humor. Ser bem humorado não é ser irresponsável, como pensam algumas pessoas. Pelo contrário. O bom humor fortalece os laços. As relações. Ser bem humorado é saber varrer as durezas da vida com a alma leve. Ser bem humorado é ser inteligente – é saber viver com as perdas e ganhos que a vida nos impõe com sabedoria e tranquilidade. Vários escritores retrataram o bom humor em suas obras. O bobo da corte, na verdade, não tem nada de bobo; mas um sátiro inteligente. Só a convivência com a criança é que nos leva a reaprender a sorrir. Todos deveríamos ter essa oportunidade: passar algumas horas com uma criança para readquirir essa capacidade que, com o tempo, parece que vamos perdendo.

Desejo que as crianças tenham o direito de serem crianças e que as etapas do crescimento não sejam queimadas. Que consigam vivenciar cada momento de suas vidas sem serem cobradas o tempo todo. Que não sejam expostas ao erotismo precoce. E que os pais tenham a sensibilidade de não fazê-las acreditar que elas têm de ser melhor em tudo, apesar do mundo competitivo em que vivemos. Que consigam, realmente, ser crianças neste mundo tão pragmático e tecnológico em que vivemos. Que consigam, simplesmente, viver a vida na sua plenitude. Compartilho o pensamento de Eduardo Galeano: “Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças”.

Outubro é 10 porque comemoramos também o dia do profissional que cuida não somente da formação do nosso conhecimento, mas também do ensino da arte de ser gente. Deixo aqui meu abraço a todos os professores que, no dia a dia, ensinam o aluno a ter um ideal; a ser uma metamorfose ambulante em vez de ter aquela opinião formada sobre tudo. A frase “a escola é um edifício cheio de paredes e o amanhã dentro dele” de George Bernard Shaw retrata claramente a importância do professor cuja tarefa vai além, muito além das quatro paredes da sala de aula. Haja palavras para homenagear aqueles cujo trabalho é missionário. Vocação de poucos!

Parabéns a todos os professores pelo trabalho missionário de despertar no aluno o prazer em aprender.

Profª. Sueli Palma



Novidades do mês



Todos os contos – Clarice Lispector



Melhores contos – Salim Miguel



Olhos d'água – Conceição Evaristo



Citações

- Crianças são como borboletas ao vento; algumas voam rápido; algumas voam pausadamente, mas todas voam do seu melhor jeito. Cada uma é diferente, cada uma é linda e cada uma é especial (**Alexandre Lemos – APAE**)

- O maior recurso natural que temos são as mentes de nossas crianças (**Walt Disney**).

- Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar (**Emília Ferreira**).

- Criança é uma das minhas paixões na vida. Você perguntou das coisas de que gosto; criança é uma das minhas paixões (**Rachel de Queiroz**).



Sugestão Cultural

Filmes para aprender a lidar com a geração Y

Em Boa Companhia – Paul Weitz (2005) EUA - Um jovem de 26 anos conquista um alto cargo na empresa e tem como subordinado um veterano de 51 anos. Esse poderia ser o roteiro de um filme de terror para alguns, mas segundo Halina Matos, gerente de desenvolvimento da DMRH, é exemplo de uma relação que pode ser muito fértil. “Quando os dois lados conseguem ceder, o jovem aproveita a experiência do mais velho e o mais velho aproveita a energia do jovem”, diz.

Incontrolável – Tony Scott (2010) EUA - Um trem sem freios carregando produtos químicos é o cenário principal de “Incontrolável”, filme que traz a briga da competência entre um veterano – prestes a aposentar-se – e um novato. Ainda que o mais novo brigue, rejeite, conteste e dispute, o veterano não foge do papel de mentor. “É interessante ver como esse processo acontece e, principalmente, perceber quando começa a mudança no comportamento do mais jovem, para uma reverência à experiência.”

Os Estagiários – Shawn Levy (2013) EUA – O escritório do Google usado como ambiente para esta comédia é como um paraíso para a geração Y. Ali, computadores já são coisas do passado – a internet está no bolso, na sala de aula, na vida. O filme ainda mostra duas características dos Ys: eles atingem cargos altos rapidamente e são vidrados na cultura pop dos anos 90 e 2000.

A Rede Social – David Fincher (2010) EUA – O filme traz uma biografia importante para a nova geração – com um personagem que pertence a ela. Mark Zuckerberg, criador do Facebook, sabe tudo sobre informática e nada sobre relações humanas. Ele é genial o suficiente para captar o desejo de seus colegas de faculdade e transformá-los numa ferramenta mundial, mas tem as motivações mais egocêntricas ocultas. Típico de um Y.

*Vamos viver o momento presente sem matar
a criança que fomos um dia!*

(Sueli Palma)



Texto do mês

O sorriso de uma criança – Sérgio Gomes (psicólogo clínico)

Adaptação

Se existe algo belo na face da Terra, esse algo é certamente o sorriso de uma criança. Explico.

O sorriso de uma criança não é algo que se constrói. Não pode ser vendido. Não tem receita. Não tem marca. Não tem bula. Não tem selo. Não tem etiqueta. Portanto, não é falso. Ele é genuinamente verdadeiro.

O sorriso de uma criança vem de dentro do seu coração. Da pureza de um coração que ainda não aprendeu a mentir, a falsear, a enganar, a ser mal educado, a ser socializável, a ter um sorriso de soslaio como têm os adultos sempre nas horas mais impróprias; quando uma criança sorri, ela sorri porque algo a fez feliz naquele momento. Ela sorri porque se recordou de algo bom que viveu. Seu sorriso é mais do que isso: ela pede, solicita e suplica que lhe devolva aquele momento que a fez recordar de uma boa lembrança ou de uma lembrança suficientemente boa. Não é como nós, adultos que, tomados da nossa empáfia quando encontramos alguém que não desejamos ou de quem não gostamos, soltamos a esmo: “Oi, querida(o), como você está? Tudo bom?” com um sorriso amarelo de orelha a orelha. Ao passo que escondemos em nossas mentes pensamentos atrozes tais como “Mas o que é que esse chato está fazendo aqui?”

O sorriso de uma criança não é incongruente com o seu pensamento. Ela sorri porque acha que deva sorrir quando encontra algo que a faz feliz. Ela pede que a amemos como o fizemos antes, na sua parca memória.

Ela solicita nosso gesto espontâneo porque entende que, de fato, é verdadeiramente responsável por aquilo que cativou, como certa vez disse uma raposa. Nenhum sorriso infantil, por conseguinte, vem desacompanhado por si; ele geralmente traz consigo um brilho nos olhos quase marejados e “clorificados” de seu encanto e pureza sem igual e sem o qual não seríamos objeto nem do seu desejo nem do seu amor, muito menos do seu apelo. Toda mãe e todo pai reconhece o sorriso do seu filho quando criança, e por ele é reconhecido.

Com ou sem dentes, com ou sem lágrimas, com ou sem uma doce risada, com ou sem palavras, ninguém fica incólume ao sorriso de uma criança. Pelo contrário. Nós nos desapegamos da viscosidade de sermos adultos e nos agarramos firmemente ao sortilégio de, por um breve segundo sequer, voltarmos a agir como uma criança novamente.

Os consumidores compulsivos de “sorrisos infantis” certamente já passaram pela experiência de dizer ou fazer coisas que sequer têm correlato na linguagem infantil. São sons inaudíveis, caretas e gestos ridículos, que só esses “consumidores” verdadeiramente apaixonados “pelo sorriso de uma criança” são capazes de fazer. Só um adulto pode tentar ser ou agir como uma criança, mas é incapaz de sorrir verdadeiramente como a criança que fora outrora. Em compensação, só uma criança pode sorrir com o ar de infante que lhe é característico, porque ela teve a sorte de (ainda) não passar pela sofismável e contaminável experiência de ser um adulto.

O sorriso de uma criança é generoso por si. Ele nos cala, mas também nos faz falar. Ele dói, mas a dor é prazerosa. Ele nos toca, mas não no coração, é na alma. Ele nos tira o fôlego, mas é para podermos respirar melhor no momento seguinte. Ele nos acalma. Aquieta-nos. Pode até nos inquietar. Ele nos satiriza, mas é por uma boa causa. Ele nos dá esperança, mas essa esperança é vã.

A esperança vã é de saber que aquela criança e aquele sorriso podem até se perder no futuro sorriso do adulto em que se transformará, mas em algum dado momento, ele retornará ao seu verdadeiro dono no instante exato em que encontrar o sorriso de uma outra criança. A criança que foi. A criança que se é. A criança em que se tornou. Sorria.

Colégio Anglo Cassiano Ricardo de Ensino Médio e Pré-Vestibular / Mantenedores:
Anísio Spano e Saulo Daolio. Diretora: Mônica Yumi Kukita Gonçalves.
Prof. Responsável: Sueli Brás Monteiro Palma. Revisão: Silvia Mamede.
Editoração: Thuany Cristiny Guedes. Reprografia: Paulo Rogério de Faria
Sugestões: sueli@cassianoricardo.com.br Tel. 2134-9100.
www.anglocassianoricardo.com.br - www.facebook.com/anglosaojose



Dicas gramaticais

A pé, de pé, em pé – Como estava **a pé**, pedi ao José uma carona./ ele aproveitou para dizer que o nosso jogo está **de pé**./ Acabei pegando um ônibus lotado e fiz **em pé** todo o trajeto./ Acho que teria sido preferível vir **a pé**.

Estar **a pé** = estar sem carro, “desmotorizado”. Ir (vir, viajar etc.) **a pé** = deslocar-se sem qualquer tipo de veículo.

Estar/ ficar **de pé** = continuar firme, subsistir, resistir, manter-se.

Estar **em pé** = **de pé**: estar ereto sobre seus próprios pés, sem ser sentado ou deitado: Permaneci **de pé**/ **em pé** a missa toda.

A favor, em favor – Os políticos evitam posicionar-se **a favor** = **em favor** do aborto. São expressões equivalentes, cujo uso varia muito em razão do antecedente: vento **a favor**, nem contra nem **a favor**, trabalhei em seu favor, fiz um pedido **em favor** do Tiago.

Estada ou Estadia – **Estada** é o ato de estar, de permanecer em algum lugar. Ex.: Durante a sua **estada** no poder, o Presidente fez várias viagens ao exterior./ Sua **estada** na ilha foi gratificante, disse ele./ Consideramos nossa **estada** na Inglaterra muito proveitosa em termos culturais.

Estadia – significa “permanência, estada por tempo determinado”; ou período de tempo autorizado de um navio mercante num porto, o mesmo que estalia. Exs.: A Secretaria da Saúde vai custear sua **estadia** em Curitiba durante o curso./ A **estadia** no campo deixou o pessoal mais relaxado.

Assunção, ascensão – Desejamos transmitir nossos parabéns por sua **assunção** no cargo de prefeito desse próspero município./ Dizem as más línguas que nada explica tão rápida **ascensão** na vida.

Assunção = ato de assumir, elevação a um cargo.

Ascensão = ato de ascender, subida.

Sucesso em nível nacional - Há uma tendência na língua portuguesa ao uso da preposição **a** no lugar de **em**, do que são exemplos atuais: **a** cores, **a** domicílio, **a** curto prazo. No entanto, na frase Sucesso **em** nível nacional, o problema não é a preposição, mas sim o emprego indevido ou abusivo da locução **em/ a** nível nacional. Vejamos então as possibilidades existentes para quem almeja escrever com mais propriedade e elegância (no Brasil, porque os portugueses usam **a nível de** sem problema).

a) Emprego errôneo de **a** nível de no lugar de uma preposição (indica problema de regência).

Errada – As queimadas, embora prejudiciais, não tinham efeitos **a nível da** contaminação da cadeia alimentar e da água.

Correção – As queimadas, embora prejudiciais, não tinham efeitos **na** contaminação da cadeia alimentar e da água.

Errada – Isso possibilita pensar **a nível de** múltiplos caminhos e soluções.

Correção – Isso possibilita pensar **em** múltiplos caminhos e soluções.

b) Emprego abusivo, sem necessidade – basta excluir as duas palavras intronéticas.

Errada – Havia uma resistência **a nível** pessoal às normas estabelecidas no regulamento.

Correção – Havia uma resistência pessoal às normas do regulamento.

c) Emprego inadequado quando se quer dizer “com relação a, em termos de”.

Errada – Verificamos a falta de esquemas predefinidos **a nível das** técnicas.

Correção – Verificamos a falta de esquemas predefinidos com relação às técnicas.

Errada – **A nível de** transmissão, o processo de desenvolvimento tecnológico tem início com o par de fios de cobre, chegando à fibra ótica.

Correção – Em termos de transmissão, o processo de desenvolvimento tecnológico tem início com o par de fios de cobre, chegando à fibra ótica.

Havia/Fazia – Estava na Amazônia **havia** um ano. Por que não... **há** um ano? É erro ou estilo? A frase está correta porque trata-se de um tempo transcorrido no passado e que termina no passado. Ex.: **Havia** (ou **fazia**) menos de um ano que Milton estava no Brasil quando perpetrou o crime contra seus compatriotas.

Fonte: Não tropece na Língua – Maria Tereza de Queiroz Piacentini